

LOUCA



CHLOÉ ESPOSITO

# LOUCA

Tradução de  
FERNANDA OLIVEIRA



BERTRAND EDITORA

Título original: *Mad*

Autora: Chloe Esposito

Copyright © 2017 by Chloé J. Esposito

All rights reserved

[Todos os direitos para a publicação desta obra em língua portuguesa,  
exceto Brasil, reservados por Bertrand Editora, Lda.]

Rua Prof. Jorge da Silva Horta, 1

1500-499 Lisboa

Telefone: 21 762 60 00

Correio eletrónico: [editora@bertrand.pt](mailto:editora@bertrand.pt)

[www.bertrandeditora.pt](http://www.bertrandeditora.pt)

Imagens da capa: © Oleg Gekman

Revisão: Rui Azeredo

Pré-impressão: Bertrand Editora

Execução gráfica: Bloco Gráfico

Unidade Industrial da Maia

Este livro não pode ser comercializado.



A **cópia ilegal** viola os direitos dos autores.

Os prejudicados somos todos nós.

*Para Paolo*



«Não cobiçarás.»

*Êxodo*

«Temos duas vidas. A segunda começa quando percebemos que só temos uma.»

*Confúcio*

«Muita Loucura é o mais divino Senso —  
Para um Olhar perspicaz —  
Muito Senso — a mais perfeita Loucura —  
Mas só a Maioria  
Como em tudo prevalece —  
Concordas — e tens juízo —  
Discordas — e és um perigo —  
A quem urge agrilhoar.»

*Emily Dickinson*



## TERMO DE RESPONSABILIDADE

Há uma coisa que têm de saber antes de irmos mais longe: o meu coração está no lugar errado. O mesmo acontece com o meu estômago, fígado e baço. Todos os meus órgãos internos estão no lado oposto, precisamente no lugar onde não deviam estar. Estou invertida: sou uma aberração da natureza. Há sete mil milhões de pessoas neste planeta que têm o coração do lado esquerdo. O meu está do lado direito. Não acham que isso é um sinal?

O coração da minha irmã está no lugar certo. Elizabeth é perfeita dos pés à cabeça. Eu sou a imagem especular da minha gémea, o seu lado negro, a sua sombra. Ela é como deve ser, eu não. Ela é destra, eu sou canhota. Em italiano, a palavra para «canhoto» é *sinistra*. Eu sou a irmã sinistra. Beth é um anjo, por isso eu sou o quê? Fiquem-se com essa.

O mais curioso é que, olhando para nós, é impossível distinguir-nos. Por fora, somos gémeas idênticas, mas retirem a pele e terão o choque da vossa vida; assistam atemorizados enquanto as minhas entranhas se espalham todas misturadas e às avessas. Não digam que não vos avisei. Não é bonito de se ver.

Somos monozigóticas, se querem saber; o zigoto de Beth dividiu-se em dois e eu materializei-me. Aconteceu na fase inicial do desenvolvimento, quando o seu zigoto não passava de um aglomerado de células. A nossa mãe estava grávida há poucos dias e puf!, eis que apareço vinda do nada, como um cuco. Beth teve de partilhar o seu aconchegante líquido amniótico e a placenta caseira da mãe.

Aquele útero estava sobrelotado; não havia muito espaço para nós as duas e para os nossos cordões umbilicais. O de Beth enrolou-se-lhe à volta do pescoço e acabou por formar um nó. Durante algum tempo, a situação foi delicada. Não sei como é que aconteceu. Não tive nada a ver com isso.

Os cientistas pensam que os gêmeos idênticos são um fenómeno completamente aleatório. Continuamos a ser um mistério; ninguém sabe como ou porque é que eu apareci. Há quem lhe chame sorte, coincidência ou acaso. Mas a natureza não gosta do que é aleatório. Deus não *joga aos dados*. Vim ao mundo por uma razão; eu sei que sim. Só ainda não sei qual é. Os dois dias mais importantes da nossa vida são o dia em que nascemos e o dia em que descobrimos porquê.

PRIMEIRO DIA  
Preguiça

«O meu problema sempre  
foi estar-me a marimbar.»  
@Alvinaknightly69



## CAPÍTULO 1

*Segunda-feira, 24 de agosto de 2015, 8h00*  
*Archway, Londres*

De: Elizabeth Caruso  
ElizabethKnightlyCaruso@gmail.com  
Para: Alvina Knightly  
AlvinaKnightly69@hotmail.com  
Data: 24 de agosto de 2015 08h01  
Assunto: VISITA

Alvie, querida,

Por favor, para de me ignorar. Eu sei que recebeste os meus dois últimos *e-mails* porque ativei a confirmação de leitura, por isso podes parar de fingir. Apesar de correr o risco de me estar a repetir, gostava de te convidar uma vez mais para vires passar um tempo connosco na nossa *villa* em Taormina. Ias ADORAR isto aqui: século XVI, arquitetura original, o perfume a frangipani no ar. O sol brilha todos os dias. Há uma piscina de sonho. Estamos mesmo ao pé do antigo anfiteatro grego, que emoldura o monte Etna a oeste e o Mediterrâneo cintilante a leste. Mesmo que só consigas vir uma semana — eu sei que és

uma escrava desse trabalho execrável — seria maravilhoso poder ver-te. Não posso acreditar que ainda não conheces o Ernie; ele está cada vez maior e é a cara chapada da sua tia Alvina.

Mas agora a sério, preciso de ti. Suplico-te. Vem! JÁ SE PASSARAM DOIS ANOS.

Quero pedir-te uma coisa e não posso fazê-lo por e-mail.

Beth x

P.S. Sei o que estás a pensar e não, já não é embaraçoso. Eu e o Ambrogio esquecemos tudo, mesmo que tu não o tenhas feito. Por isso, deixa de ser teimosa e vem até à Sicília.

P.P.S. Quanto pesas agora? Continuas com 60 quilos e a vestir o 38? Não consigo perder o peso todo que gabei com a gravidez e isso está a deixar-me louca.

Porra, ela é mesmo insuportável!

«O perfume a frangipani no ar», blá-blá-blá, «o antigo anfiteatro grego», blá-blá-blá, «o Mediterrâneo cintilante», blá-blá-blá. Parece aquela apresentadora de *A Place in the Sun*: «Alvina Knightly procura uma segunda residência na belíssima costa leste da Sicília.» Não que eu alguma vez tenha visto esse programa.

*Claro que não vou. Parece-me enfadonho e antiquado. Não confio em vulcões. Não suporto aquele calor. É peganhento. Faz transpirar. A minha cútis inglesa ficaria queimada em dois segundos, pois sou pálida como um esquimó. Não digas «Esquimó»!, parece que estou a ouvi-la... Eles não gostam desse nome. Não é politicamente correto. Diz antes inuit.*

Passo os olhos pelo meu quarto: garrafas de vodca vazias, um póster de Channing Tatum, um quadro de cortiça com fotos de «amigos» que nunca vejo. Roupas pelo chão. Canecas de chá já frio. Um ambiente que deixaria a empregada de limpeza de Tracey Emin completamente passada. Três *e-mails* numa semana. O que vem a ser isto? Gostava de saber o que me quer pedir. É melhor responder, senão ela vai continuar a chagar-me a cabeça.

De: Alvina Knightly  
AlvinaKnightly69@hotmail.com  
Para: Elizabeth Caruso  
ElizabethKnightlyCaruso@gmail.com  
Data: 24 de agosto de 2015 08h08  
Assunto: RE: VISITA

Querida Elizabeth,

Obrigada pelo convite. Pelo que dizes, a tua *villa* deve ser fantástica. Que sorte a tua e do Ambrogio, e também do pequeno Ernie, terem arranjado uma casa maravilhosa como essa num local que parece perfeito... Lembras-te quando éramos miúdas e era eu que adorava água? E agora és tu que tens a piscina...

(e eu a banheira com o ralo entupido.)

A vida não é engraçada? É claro que adorava vê-la e conhecer o teu lindo querubim e meu sobrinho, mas neste momento as coisas estão muito complicadas no trabalho. Agosto é sempre o nosso mês mais atarefado, por isso é

que levei tanto tempo a responder-te. As minhas desculpas.

Avisa-me da próxima vez que vieres a Londres. Gostava muito de pôr a conversa em dia.

Albino

Por mais vezes que digite o meu nome, *Alvina*, o corretor automático altera-o sempre para *Albino*, caraças! (Talvez ele saiba como sou branquinha e esteja a gozar comigo...) Vou alterá-lo legalmente e pronto.

Alvina

P.S. Dá cumprimentos meus ao teu marido e um beijinho ao Ernesto da tia.

Enviar.

O irmão gémeo de Elvis Presley nasceu morto. Há pessoas que têm uma sorte!

Arrasto-me para fora da cama e ponho o pé em cima de uma piza que deixei no chão. Só comi metade ontem à noite, antes de «apagar» por volta das quatro da manhã. Tenho o pé cheio de molho de tomate e uma rodela de salame entre os dedos. Desalojo o bocadinho de enchido, enfio-o na boca e limpo o molho com uma meia. Visto a roupa que encontro no chão: uma saia de *nylon* que não precisa de ser passada a ferro e uma *T-shirt* de algodão que precisa. Vejo-me ao espelho e franzo o sobrolho. Ui! Limpo os olhos esborratados de rímel, aplico um batom roxo e passo os dedos pelo cabelo oleoso. Já chega, estou atrasada. Outra vez.

Vou para o trabalho.

Agarro no correio ao sair de casa e vou-o abrindo enquanto desço a rua a fumar um *Marlboro*. Contas, contas, contas, um cartão de uma empresa de táxis, uma publicidade a pizzas em *take-away*. «último aviso», «notificação judicial», «requer ação imediata». Que tédio, mais do mesmo. Será que Taylor Swift tem de lidar com merdas destas? Enfio as cartas nas mãos de um sem-abrigo que está sentado à entrada do metro: já não são problema meu.

Abro caminho por entre a multidão que faz fila para passar pelo torniquete e ponho o meu passe no leitor. Entramos na estação a 0,0000001 km/h. Tento escrever mentalmente um *haiku*, mas as palavras teimam em não vir. Alguma coisa profunda sobre a luta existencial? Algo poético e niílista? Mas não sai nada. Não. O meu cérebro continua adormecido. Lanço um olhar furioso aos anúncios a roupas e joias que cobrem cada centímetro de parede. A mesma modelo presunçosa e retocada fita-me com a mesma expressão presunçosa e retocada, como sucede todas as manhãs. Está a alimentar um bebé num anúncio a um leite de transição. Eu não tenho bebés e não preciso que mo lembrem. Decididamente, não preciso de comprar leite de transição.

Desço a escada rolante como um furacão e empuro um homem que está a ocupar demasiado espaço.

— Eh, cuidado! — berra.

— Chegue-se para a direita! Estúpido.

Eu sou uma grande artista presa no corpo de uma vendedora de publicidade, uma reencarnação de Byron ou Van Gogh, Virginia Woolf ou Sylvia Plath. Aguardo na plataforma e penso no meu destino. A vida deve ser mais do que isto, não? O ar viciado aflora-me o rosto e

diz-me que vem lá um comboio. Podia saltar agora e acabar com tudo. Daí a uma hora, já os paramédicos me teriam raspado da via e a linha do norte retomado a circulação.

Vejo um rato a correr sobre carris metálicos. Só tem três patas, mas vive uma vida de liberdade e aventura. Sortudo do caraças! Talvez aquele comboio lhe esmague o pequeno crânio. Desvia-se mesmo no último segundo. Bolas!

Encosto-me à prateleira ao fundo da carruagem. Um homem com herpes nos lábios invade o meu espaço pessoal; a camisa que enverga está translúcida com o suor. Segura-se ao varão amarelo por cima da minha cabeça, com o sovaco a poucos centímetros do meu nariz; consigo sentir o cheiro do seu desodorizante *Lynx Africa* misturado com desespero. Leio o *Metro* dele de pernas para o ar: homicídios, drogas, guerra, um artigo sobre o gato de alguém. Ele encosta a virilha à minha coxa, por isso dou-lhe uma pisadela. Afasta-se. Da próxima vez, dou-lhe uma joelhada nos tomates. Paramos durante uns minutos algures nas entranhas de Londres e depois voltamos a andar. Mudo de metro em Tottenham Court Road. A carruagem esvazia os seus intestinos e desembarcamos como excrementos amorfos. Sou defecada em Oxford Circus.

### *Mayfair, Londres*

Lá fora, o ar está carregado. Ouve-se o barulho do trânsito e das sirenes da polícia. Inspiro longamente o

dióxido de nitrogénio e começo a andar. Vendedores da *Big Issue*, pessoas que pedem donativos para instituições de caridade e hordas de estudantes de ar enfatiado. Five Guys, Costa, Bella Italia. Starbucks, Nando's, Gregg's. Faço o trajeto de três minutos e meio até ao escritório em piloto automático. Talvez seja sonâmbula. Quem sabe, estarei morta? Talvez tenha mesmo saltado e isto seja o limbo... Continuo a andar. As ruas podiam estar cheias de zombies, clones de Channing nus ou de alpacas, que eu nem dava por isso. Viro à esquerda e desço Regent Street, a pensar em Beth. Não vou, caraças!

Um pombo caga em cima do meu ombro: uma substância viscosa verde-acinzentada. Fantástico. Porque eu? O que fiz de errado? Olho à minha volta, mas ninguém deu por isso. Não dizem que dá sorte?

Talvez seja um bom presságio para o dia que tenho pela frente. Dispo a camisola de lã e atiro-a para um caixote do lixo; de qualquer forma, estava toda traçada.

Passo pelas portas giratórias e faço uma careta para o homem que está na receção. Trabalhamos os dois ali há anos. Não sabemos o nome um do outro. Ele levanta os olhos, franze o sobrolho e depois volta às suas palavras cruzadas. Não me parece que goste de mim. O sentimento é mútuo. Desço a escada com pés de chumbo. Sou desperdiçada aqui, desperdiçada! Não vendo aqueles anúncios desdobráveis em papel brilhante que vêm no início das revistas para marcas *sexy* como a *Gucci*, *Lanvin* ou *Tom Ford*. Isso seria o céu. Isso é o que dá dinheiro a sério. Nesse caso, teria um gabinete lá em cima. Não, eu trabalho nos *classificados*. Vendo aqueles anunciozecos que passam despercebidos e que ninguém lê no final das revistas: suplementos para fazer crescer o cabelo, *Viagra*

para mulheres ou obscuros apetrechos de jardinagem que nem a nossa avó compraria. São sessenta e uma libras por um oitavo de página. Não sei como cá cheguei e não sei porque é que fiquei.

Talvez pudesse fugir e juntar-me ao circo... Sempre quis ser o tipo que atira facas à mulher que está presa na roda giratória. (Porque é que é sempre o *bomem* que atira as facas?) Consigo visualizar o topo da tenda com as cores do arco-íris, os palhaços, os malabaristas, os cavalos, os leões. Consigo ouvir a multidão a chegar, a aplaudir e a gritar de terror ao ver as facas a voar. O ardor da transpiração. A euforia provocada pela descarga de adrenalina. Consigo vê-la agora, a girar, a girar: as lâminas cravam-se na roda e por pouco não lhe atingem o rosto. Vá lá, Alvina, isso nunca vai acontecer. Vives no mundo da lua! E é impossível ganhar dinheiro a escrever *baikus*. A minha irmã sempre disse que eu dava uma grande polícia de trânsito. Seria divertido trabalhar num matadouro.

Passo a porta para a cave. Angela (o *g* é surdo) Merkel (não é o seu nome verdadeiro) levanta os olhos quando entro na sala e ergue uma sobranceira bem arranjada. Tem um ar que promete que o dia de hoje vai ser uma tortura: como fazer uma desvitalização ou eliminar cálculos renais.

— Bom dia, Angela. — *Vai para o inferno, Angela*. Se eu fosse canibal, comia-a ao pequeno-almoço.

Sento-me a uma secretária a imitar madeira numa sala cheia de cubículos idênticos e sem janelas. Apesar de ser «ajustável», a minha cadeira giratória parece sempre ter a altura, forma ou ângulo errados; há muito que desisti de lhe mexer. Há um lírio-da-paz que precisa de ser regado. O ar está viciado e seco.

Uma pastilha elástica de morango colada por baixo do monitor do meu computador parece o cérebro de um rato cinzento rosado. Ponho-a na boca e começo a mastigar. Não sabe a morango, mas também não sabia na semana passada.

Cheguei doze minutos atrasada. Creio que devia estar em teleconferência com Kim (Jong-Il, não é o seu verdadeiro nome), mas não me dou ao trabalho de marcar o número. Kim é tão agradável quanto uma unha encravada. Considero a hipótese de pegar no telefone e assediar pessoas; o meu trabalho implica ligar para desconhecidos vezes sem conta até eles conseguirem algum tipo de proibição de contacto ou comprarem finalmente espaço publicitário. Eles pagam para me fazer calar e desaparecer. Em vez disso, ligo o meu PC. Má ideia. A minha caixa de entrada enche-se de *e-mails* com a indicação de «Urgente»: «ONDE ESTÁS?», «APRESENTE-SE NOS RH», «VIOLAÇÃO DA POLÍTICA DE DESPESAS». Credo, outra vez não! Ativo o serviço de resposta automática para não ter de lidar com aquelas tretas.

O Twitter ficou ligado desde sexta-feira, quando me esqueci de encerrar a sessão. Olho de relance para Angela; está a torturar uma das minhas colegas na outra ponta da sala. Que se lixe. Dou uma espreitadela aos tópicos mais vistos, mas parece tudo muito aborrecido. Taylor Swift não respondeu a nenhum dos meus *tweets* a elogiar as suas fatiotas mais recentes. Nem sequer um gosto. Talvez esteja ocupada. Provavelmente, anda em digressão.

*Tão aborrecida no trabalho que vou ver pornografia #Ado-roomentrabalho.*

Tweet.

Disse aquilo por graça, mas agora estou curiosa. Abro o YouPorn no meu telefone e vou puxando as imagens de genitália. «*Ménage à trois*.» «Fetiche.» «Fantasia.» «Brinquedos sexuais.» «Mamas grandes.» Oh, «*Female-Friendly*.» Nessa altura, o meu telefone toca: telemóvel beth. Porra, que é persistente! Porque é que está a ligar-me para o trabalho? Sou uma pessoa ocupada e importante. Olho em volta, mas ninguém reparou.

Tento enviar a chamada para o *voicemail*, mas a ponta do dedo desliza e atendo sem querer.

— Alvie? Alvie? És tu? Estás aí?

Ouço a voz dela a chamar pelo meu nome. Soa baixa e distante. Semicerro os olhos e tento ignorá-la. Apeetece-me desligar.

— Alvie? Consegues ouvir-me? — pergunta. Pego no telefone e encosto-o violentamente ao ouvido.

— Olá, Beth! Que bom ouvir-te. — A sério, já gahnei o dia...

— Até que enfim. Eu... Cerro os dentes.

— Escuta, Beth. Não posso falar agora. Tenho de ir a correr para uma reunião. O meu chefe está à espera. Acho que vou ser promovida! Ligo-te depois, está bem?

— Não, espera, eu...

Desligo a chamada e volto à pornografia: pichas, mamas e cus. Alguém que tem simultaneamente mamas e picha. Fixe!

— Bom dia, Alvina! Como estás hoje?

Levanto os olhos e vejo Ed (Colhões: a cara dele parece um testículo) a espreitar por cima do seu cubículo. Oh, meu Deus, o que foi agora? O que é que ele quer? Além de um transplante de personalidade.

— Olá, Ed. Estou ótima. O que queres?

— Só queria saber como é que está a minha colega favorita nesta bela manhã de segunda-feira.

— Vai bugiar, Ed.

— Sim, claro. Só queria, hum...

— Sim?

— Hum... só queria saber quando é que poderás...

— Pagar-te as cinquenta libras que te devo?

— Sim!

— Bem, hoje não, como é óbvio.

— Pois, é óbvio que não vai ser hoje.

— Então, desanda!

— Certo. Pronto, está bem. Adeus.

A cabeça dele volta a desaparecer atrás do tabique. Finalmente! Bem, esta semana vou ter de evitar encontrar-me com ele junto ao distribuidor de água fresca. Agora, quase me arrependo de lhe ter pedido o dinheiro emprestado. Só precisei para fazer um *vajazzele*<sup>1</sup>; pensando bem, suponho que não fosse assim tão urgente. Tinha um encontro escaldante com um tipo podre de bom que conheci na Poundland de Holloway. Achei que um bocadinho de brilho era capaz de apimentar a nossa primeira noite de paixão. Mas os brilhantes saltaram *para todo o lado*, espalharam-se pela cama, pela cara dele, enfiaram-se-lhe no cabelo. Ficou com um preso por trás do globo ocular e teve de ir ao médico. Depois disso, continuei a encontrar brilhantes durante semanas a fio: nos sapatos, na carteira, numa embalagem de *nuggets*

---

<sup>1</sup> Colagem de pequenos cristais para decorar partes íntimas. (*N. da T.*)

de frango que estava na parte de baixo do congelador (*não* faço ideia de como lá foram parar). O pior foi que ele nem sequer apreciou o esforço que eu tinha feito: o nome dele escrito com diamantes cor-de-rosa na zona genital: AARON. Ao que parece, devia ser ARRAN. E qual é o mal de ter escrito o nome errado? O que conta é a intenção. No final da noite, dizia apenas RUN<sup>1</sup>.

Volto à pornografia. Baixo o volume para abafar os gemidos, mas continua bastante alto. Gemidos, suspiros, grunhidos e palavrões. «*Gosto desse cuzinho, miúda.*» Alguém grita «*Putas!*» Uma MILF<sup>2</sup> está a ser fodida pelo punho de um homem de máscara quando capto uma figura na minha visão periférica. A Angela paira ameaçadoramente sobre o meu cubículo. Merda!

— Estás a *tweetar* sobre *pornografia* a partir da conta da empresa?

— Era da conta da *empresa*? Ups! Enganei-me — digo.

— Estás despedida — diz Angela.

— ESTÁS TÃO FODIDA, CABRA — diz o YouPorn.

Pego na mala, no lírio-da-paz, num agrafador e tiro as revistas *Heat* e *Closer* da parte de baixo da secretária. Vou outra vez para casa.

---

<sup>1</sup> Isto é, FOGUE. (*N. da T.*)

<sup>2</sup> Acrónimo de «Mom I'd Like to Fuck» e refere-se a um fetiche sexual com mulheres mais velhas, com idade para serem mães dos seus parceiros. (*N. da T.*)